

# RISCO E MORTE EM O DIA: a dinâmica das narrativas de “abates” humanos em um jornal popular carioca<sup>1</sup>

## ON RISK AND DEATH IN O DIA: the dynamics of human slaughter narratives on the website of a popular newspaper in Rio de Janeiro

Soraya Venegas FERREIRA<sup>2</sup>

Universidade Estácio de Sá | Brasil

Daniel Nunes de Oliveira MALAFAIA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil

### Resumo

Para compreender como algumas narrativas jornalísticas sobre operações policiais publicadas em O Dia – um jornal carioca voltado ao público popular – caracterizam o risco e o medo na experiência social diante da morte ou de sua iminência, são analisadas duas coberturas de grande repercussão: o sequestro de um ônibus na ponte Rio-Niterói, em 2019; e a caçada a Lázaro Barbosa, em Goiás, em 2021. O que une os dois casos geograficamente distantes e de temporalidades distintas – o primeiro durou poucas horas e o segundo mais de 20 dias – é o “abate” dos criminosos por policiais, seguido por efusiva celebração da morte.

### Palavras-chave

Medo; Risco de Morte; Jornalismo popular; Noticiário Policial; Jornal O Dia.

### Abstract

In order to understand how some journalistic narratives about police operations published in O Dia – a Rio de Janeiro newspaper aimed at the popular public – characterize the risk and fear in the social experience in the face of death or its imminence, two coverages of great repercussion are analyzed: the kidnapping of a bus on the Rio-Niterói bridge, in 2019; and the hunt for Lázaro Barbosa, in Goiás, in 2021. What unites the two geographically distant cases of different temporalities – the first lasted a few hours and the second more than 20 days – is the “slaughter” of criminals by police, followed by effusive celebration of death

### Keywords

Fear; Risk of Death; Popular Journalism; Crime News; O Dia Newspaper.


RECEBIDO EM 22 DE FEVEREIRO DE 2022  
ACEITO EM 12 DE DEZEMBRO DE 2022

<sup>1</sup> Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada no GP Teorias do Jornalismo, durante o 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em outubro de 2021.

<sup>2</sup> Jornalista, Mestre e Doutora em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ, com Pós-Doutorado em Teorias do Jornalismo pelo PPGCom-UFF, Pesquisadora vinculada ao Programa Pesquisa Produtividade da Universidade Estácio de Sá. Professora Titular e Coordenadora de Jornalismo do Campus Niterói da Universidade Estácio de Sá. Avaliadora de Cursos do MEC-INEP. Contato: [sosovenegas@yahoo.com.br](mailto:sosovenegas@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Jornalista graduado pela Universidade Estácio de Sá e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: [danielmalafaia777@gmail.com](mailto:danielmalafaia777@gmail.com).

## Introdução

 Desde que nos lançamos ao exame do jornalismo popular contemporâneo, em 2020, ano pandêmico marcado por centenas de milhares de mortes, voltamos o olhar para o ambiente que mais se adequaria à realidade dos leitores confinados: a *web*, onde estão os sites e perfis nas mídias sociais dos veículos noticiosos. Começamos explorando a presença digital de veículos outrora estudados, particularmente o jornal *O Dia*, em atividade desde 1951, a fim de aprofundar a investigação do jornalismo popular e suas peculiaridades historicamente marcadas nas construções narrativas de ontem e de hoje (MALAFAIA e FERREIRA, 2021).

Em razão dessas peculiaridades, a temática escolhida foi a violência, pois *O Dia* atribui grande valor noticioso aos crimes desde os anos de 1970, década de seu maior sucesso comercial. E essa escolha nos pôs diante de um dinâmico campo discursivo. Um campo no qual são relacionadas múltiplas formações discursivas que, conjugadas nas coberturas que dão forma às narrativas jornalísticas, nos inviabilizam, enquanto analistas, a tomar suas características como "autóctones e universalmente reconhecíveis" (FOUCAULT, 2005, p. 88). Em sua dimensão temática, nossas análises corroboraram para a ideia de permanência, com certa centralidade, do noticiário policial, com seus delitos e mortes distribuídas tanto nas páginas quanto nas telas dos veículos.

Porém, cada vez mais apoderados da razão própria das narrativas analisadas, recorreremos a uma concepção de *figura* que englobasse os ambientes, os criminosos e suas mortes do modo como se manifestam na realidade proposta, no mundo enunciativo – figuras análogas a vetores, sempre em devir (ZILBERBERG, 2016). Foi nossa oportunidade para compreender noções heteróclitas como a de "abate", que nos instiga desde

quando analisamos a cobertura feita pelo site de *O Dia* durante o sequestro do ônibus 2520, na manhã de 20 de agosto de 2019, na ponte Rio-Niterói.

Na ocasião, o sequestrador, um rapaz de 20 anos chamado Willian Augusto da Silva, foi alvejado por *snipers*<sup>4</sup> após ter mantido como reféns 39 passageiros. O resultado da operação foi celebrado tanto pelos policiais envolvidos na ação quanto pelo então governador do estado, Wilson Witzel – o responsável por popularizar o termo “abate”, desde o período das eleições estaduais de 2018, usando-o para se referir a ação que postulava dever ser adotada pelos policiais em sua gestão, quando se deparassem com alguém que portasse fuzil no espaço público<sup>5</sup>. Não foi exatamente essa a circunstância do sequestro, já que, embora em posse de alguns instrumentos potencialmente perigosos, a única arma que Willian carregava era um simulacro. Mesmo assim, o “abate” foi consumado após ele não resistir às seis perfurações causadas pelos disparos.

O caso gerou grande mobilização em redes sociais digitais e aplicativos de mensagens, permitindo que o público acompanhasse o que poderia ser uma espécie de repetição do emblemático caso 174, que ocorreu em junho de 2000, quando um ônibus com esse número foi sequestrado no bairro do Jardim Botânico, também no Rio de Janeiro. O trágico desfecho sobreveio após quase cinco horas de cobertura, com as mortes de Sandro Barbosa do Nascimento, o criminoso, e de Geísa Firmo Gonçalves, uma das reféns. O primeiro por asfixia e a segunda por quatro tiros. Como destacou a capa do jornal *Extra*<sup>6</sup> do dia 21 de agosto de 2019, na ponte Rio-Niterói, quase vinte anos depois, a

---

<sup>4</sup> Termo utilizado para denominar os atiradores de elite das forças militares, que conserva uma relação metonímica com a prática da caça do pássaro *snipe*, pelo exército britânico, na Índia, durante o século XIX (LELIS, 2018).

<sup>5</sup> Uma de suas frases que mais repercutiu na mídia foi: “mirar na cabecinha e...Fogo! Para não ter erro”. Esse enunciado viria a ser símbolo de sua política de segurança – conhecida como “política do abate” – e se materializou em vários momentos de seu mandato, embora a maioria não tenha correspondido às circunstâncias que o político elencava como necessárias a esse tipo de ação.

<sup>6</sup> Outro importante representante do jornalismo popular carioca.

Soraya **FERREIRA** - Daniel **MALAFIA**

história teve “outro fim”, pois os reféns saíram ilesos ao contrário do sequestrador, cuja morte ensejou efusiva comemoração não só do governador, mas da multidão presente, que, em coro, parabenizou Witzel, como se dele fosse o mérito pela resolução do sequestro.

Esse paralelo, que hierarquiza a qualidade da ação policial entre os dois casos, não se restringiu ao *Extra*, mas ampliou o debate público em torno do tema, pondo em cena a profusão de sentidos que seguiu em circulação e disputa através do “abate”. Isso nos indica não a cristalinidade, a transparência de sua significação, mas sua opacidade que, a cada narrativa – ou mesmo a cada virada operada com o correr das narrações jornalísticas –, revela relações inesperadas com outros significantes e, com eles, outras formações discursivas, também inesperadamente articuladas, graças a seu fechamento instável (COURTINE e MARANDIN, 2019). Por outro lado, o “abate” ou noções a ele correlatas não se mostram estéreis ou ineficazes. Pelo contrário, ao que parece, mesmo em breves apreciações, dão luz a uma multiplicidade de outras noções e figuras estratificadas, extensas e multidirecionais.

Essas considerações embasadas pela questão que nos inquieta podem ser formuladas na seguinte indagação: como as narrativas jornalísticas tecidas em grandes coberturas de operações policiais que envolvem mortes, com enfoque para a “caçada” e “abate” dos criminosos, agenciam vozes, figuras e memórias – e, entre esses elementos, afetos – para a caracterização da experiência social e dos sentimentos de medo e insegurança que pairam o noticiário policial do jornal *O Dia*?

Esse problema nos impele a tentativa de conduzir um argumento sobre a relação entre risco e morte. Afirmando essa relação, não estamos propondo a investigação de um problema novo, que responda a especificidades do presente. Antes, identificamos a possibilidade de dissecar um cenário já conhecido nos estudos de jornalismo, só que de um ângulo que coloque em evidência um aspecto latente e, ao mesmo tempo, significativo da vida

moderna: a noção de risco como quadro de referência para variadas esferas, dimensões e seus imaginários. É do diálogo estabelecido entre David Le Breton (2009) e célebres estudiosos do risco, como Ulrich Beck e Mary Douglas, que colhemos essa formulação.

O antropólogo francês atrela à conjuntura dos grandes desastres industriais, ocorridos a partir do séc. XIX, a crescente preocupação com a segurança – o que fez o risco suplantar noções anteriormente basilares para a cultura ocidental, como “destino” e “acaso”. O sentimento de que é necessário se precaver do perigo, paradoxalmente, ressalta a vulnerabilidade humana, e o confronto com as incertezas que cercam o futuro da existência se torna um exercício urgente para a manutenção da vida no presente. As crises sociais e culturais que atravessaram a década de 1970 foram cruciais para a difusão desse sentimento no seio da mobilização popular que figurava nas metrópoles. As classes trabalhadoras integraram parte expressiva dessa mobilização.

Sendo esse o público-alvo dos jornais populares (AMARAL, 2006), identificamos a relevância de investigar as narrativas desse segmento em cruzamento com a noção de risco – já que a atividade jornalística em questão se dá num contexto marcado por esse sentimento, como atestam as linhas editoriais apoiadas na temática da segurança. Nota-se através do estudo de narrativas jornalísticas que o risco está presente na existência humana e o perigo pode estar tanto no desconhecido como no que é próximo às vítimas. A ameaça, nos casos aqui estudados, é representada por um personagem até então desconhecido, como também ocorre no já citado sequestro ao ônibus 174, em que o risco de morte existe para os reféns e, talvez, por essa razão o “abate” seja motivo de comemoração. A cada “abate”, restaura-se o sentimento de estar em segurança.

Esse equilíbrio é momentâneo e frequentemente quebrado pelo surgimento de novos atores que trazem risco ao convívio social. No jornalismo popular carioca podemos identificar alguns casos semelhantes, que chegaram

Soraya **FERREIRA** - Daniel **MALAFIA**

a inspirar produções cinematográficas documentais e ficcionais. O sequestro de 2000, além de integrar, como veremos a seguir, a narrativa midiática do evento da ponte Rio-Niterói em 2019, foi retratado no documentário *Ônibus 174* (2002) e inspirou o filme *Última Parada 174* (2008).

Já o risco do que é conhecido, como de certa forma é Lázaro Barboza, mesmo que não exatamente próximo de suas vítimas, pode se assemelhar ao ocorrido no caso da Fera da Penha, alcunha criada pela imprensa para Neyde Maria Maia Lopes, que matou Tania, uma criança de quatro anos, a filha de seu amante, com um tiro a queima roupa em um galpão do Matadouro da Penha, em 1960. Para ocultar o cadáver, Neyde incendiou o corpo de Tânia, cujas fotos estamparam os jornais do dia seguinte. A segurança, nesse caso, foi restabelecida pela detenção, confissão e, posterior sentença de 33 anos de cárcere, para a “fera”. A época, não foi possível levar Neyde para a reconstituição do crime, devido à iminência de linchamento público, o que também poderia acontecer com os demais focos de ameaça, caso não fossem abatidos. O caso foi encenado no programa Linha Direta Justiça (2003) e inspirou os filmes *Crime de Amor* (1965) e *Lobo atrás da Porta* (2014) e 50 anos depois era lembrado no Jornal *Extra*<sup>7</sup>.

Reconhecendo que nem sempre os abates são o desfecho das situações de risco, embora sejam relativamente comuns em casos de sequestros e perseguições, inclusive internacionalmente, resolvemos começar a exploração empírica voltando os sentidos ao que nos já foi objeto de investigação: a cobertura do sequestro do ônibus 2520; afinal, do ponto de vista proposto anteriormente, o “abate” não eclode de maneira independente, mas é sintoma de complexas relações mediadas por agenciamentos diversos. Junto a essa revisão, aprofundamos a leitura sobre o jornalismo popular, cruzando seus

---

<sup>7</sup> JORNAL EXTRA - Morte da menina Lavinia lembra o caso da Fera da Penha, disponível em <https://extra.globo.com/casos-de-policia/morte-da-meninalavinia-lembra-caso-da-fera-da-penha-1195855.html>, acessado em 05 de janeiro de 2023



pressupostos com as discussões concernentes ao problema do acontecimento, do tempo e do sentido nas narrativas. Anexamos a essa discussão a oposição identidade e alteridade, sob a égide das aulas de Michel Foucault (2001) sobre os “anormais” na história do Ocidente. Por fim, assentados no que resulta das formulações introduzidas acima, analisamos a cobertura feita pelo site de *O Dia*, da fuga de Lázaro Barbosa pela região Centro-Oeste, onde cometeu uma série de crimes e foi morto pela polícia após 20 dias de buscas.

## **A MORTE COMO VETOR DE REMISSIVAS NO ESPAÇO JORNALÍSTICO**

Enquanto acontecimento, a morte salienta o insólito como sua qualidade inerente. O incomum, a falha, ao que indica Adriano Duarte Rodrigues (1993), são registros que garantem sua notabilidade midiática. A quebra da rotina no seio do cotidiano seria uma marca distintiva da morte nas narrativas jornalísticas, que em seu fiar dão suporte à atualização do presente, agora acompanhado pelas consequências de uma situação-limite, de um estado de coisas a princípio não familiar, que nos convoca a atribuição de sentido mediada pelo trabalho enunciativo (ZILBERBERG, 2016). Uma operação comum a esse processo é a remissão a um acontecimento passado. Este oferece os referentes para que o acontecimento presente se torne inteligível e comunicável.

Além disso, devemos pontuar que, embora nesses termos a morte aponte para o acaso, não podemos reduzi-la a pura surpresa, ao imprevisto ou algo incerto. Trata-se de um acontecimento possível, "certo sob condição" (TARDE, 2018, p. 165). A constatação de que a morte é, a um só passo, incomum e possível, reforça as hipóteses que justificam seu alto grau de noticiabilidade. Porém, outro aspecto dessa constatação remete a Maurice Mouillaud (2002), para quem, além da notabilidade de relatos e imagens mórbidas na imprensa, há que se considerar sua eficácia. Segundo o que o

Soraya **FERREIRA** - Daniel **MALAFIA**

autor francês nomeia de “lei da informação”, a notícia deve fazer, ou mesmo ser, a diferença na atualidade, a partir do movimento de reprodução incessante de uma diferença radical que: atualiza o presente através de um quadro circunstancial; e enseja nos sujeitos expectativas sobre o futuro (MOUILLAUD, 2002). Esta perspectiva se aproxima de uma concepção particular do tempo, definida por Gilles Deleuze (1973) com base em sua leitura da divindade helenística *Aion* – metáfora alternativa à que convencionalmente é reportada à *Cronos*, que figura o tempo como primado de um presente que absorveria passado e futuro, apenas passíveis de apreensão em estado residual.

Com a metáfora de *Aion*, Deleuze explica que o instante da duração divide o presente entre passado e futuro ao mesmo tempo, encetando-o em ambas as direções. Sendo “já passado e eternamente ainda por vir” (DELEUZE, 1973, p. 170), este modo de acontecer se manifesta em uma forma sem conteúdo, onde habitam efeitos incorporais e que, por isso, são ilimitados e inesgotáveis. Efeitos realizados pela linguagem, que é relativamente independente do estado de coisas – das qualidades físicas e da lógica causal – e por meio da qual se exprime as proposições, que nada mais são que a presentificação do acontecimento no mundo da enunciação.

Mas como os acontecimentos se comunicam fora de uma causalidade? A solução parte da crítica deleuziana ao pensamento de Leibniz, especialmente à noção de impossibilidade, à qual denuncia que o princípio teológico da predeterminação é o elemento responsável por acarretar a exclusão entre acontecimentos de singularidades divergentes. Em lugar disso, o filósofo transforma a divergência em objeto de afirmação, o que permite: 1) relacionar opostos pela distância positiva que conservam um do outro, e, 2) “medir os contrários por sua diferença finita em lugar de igualar a diferença a uma contrariedade desmedida e a contrariedade a uma identidade ela própria infinita” (DELEUZE, 1973, p. 178).



Nesse sentido, casos como o sequestro do ônibus 174 (2000), o do ônibus 2520 (2019) e a fuga frustrada de Lázaro (2021), situações distintas no tempo e no espaço em vários aspectos, se tornam possíveis ao trabalho jornalístico, que frequentemente aciona memórias nas notícias, por exemplo, relacionando o sequestro ocorrido em 2000 com o ocorrido em 2019, que têm como destaque o homicídio levado a cabo por agentes do Estado.

### **UMA “CAÇADA” A ESPREITA: O “ABATE” DE WILLIAN**

Na cobertura do sequestro na ponte Rio-Niterói – analisada em trabalhos anteriores (MALAFAIA, 2020; MALAFAIA e FERREIRA, 2020a) –, o site do *O Dia* empreende uma narração marcada pela interação enunciativa, uma oscilação entre vozes oficiais e ordinárias, que fazem a narrativa exceder o relato dos instantes prévios aos tiros que levaram a óbito Willian, o sequestrador.

Essa trilha explorou os efeitos do sequestro, em relatos impregnados de sentimentos como ressentimento, indignação e medo, afinados por se relacionarem ao mote da violência – representada como fenômeno intrínseco à experiência urbana no Rio de Janeiro – e do iminente risco de morte. Logo, a morte paira num horizonte de expectativas, sagra-se como possibilidade ao encontrar no imaginário o conjunto de condições que se, em conformidade com o atual “estado de coisas”, sugere o perigo de sua transposição para o real.

A morte protagoniza, virtualmente, a suposta reincidência de um passado que, fatalmente, vai ao encontro de um futuro que já dá seus sinais, que está próximo, e que é percebido pelos que o pressentem. Essa experiência de medo é materializada nos relatos das vítimas que, voltados para o acontecimento, gravitam em torno de como as condições precárias de segurança as afetam diariamente e potencializam o risco de irrupção da

Soraya **FERREIRA** · Daniel **MALAFIA**

tragédia. Nota-se, então, que a narrativa é preenchida por uma dupla morte: uma, não realizada, expressa no risco da morte das vítimas diretas e do sofrimento das indiretas que padecem ao ter que lidar com a instauração da anormalidade; e uma realizada, a morte do sequestrador, expressa no tiro do *sniper* e no estado de excitação da multidão, a partir de um desfecho desejado, haja vista a comemoração dos presentes e do então governador do estado do Rio, Wilson Witzel, que desceu de helicóptero sobre a ponte e com gestos de triunfo comemorou o feito da polícia<sup>8</sup>.

Todavia, essa reação é tão intensa quanto efêmera, visto que as obscuras motivações de Willian fizeram erigir especulações, que reativaram o mesmo jogo temporal visto no item anterior com a metáfora de *Aion*, e associaram acontecimentos majoritariamente distintos. No fiar entre passado e futuro, analisado em outro trabalho (MALAFIA e FERREIRA, 2020b), vemos na capa do *O Dia* a reinserção do risco na cena da cobertura, advertindo sobre o perigo de retorno de “outro” Willian, como se ele fosse modo singular de um tipo, tal como os responsáveis pelo massacre na Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano-SP, que aconteceu em março de 2019, e foi rememorado pelo jornal em razão das investigações, que apontavam para a hipótese de que o crime havia sido planejado pela internet.

Nessa mesma análise, notamos que outro representante do jornalismo popular, o jornal *Extra*, optou por fazer a conexão com o sequestro do ônibus 174, no qual o agente acertou não o criminoso, mas a refém. Ação desastrosa e parcialmente “corrigida” pelos policiais durante a condução do sequestrador Sandro à delegacia, aonde já chegou morto por asfixia.

No caso do *O Dia*, a aproximação feita nas investigações e apropriada pelo jornal, deu luz a uma figura que, personificada, é uma ameaça silenciosa; que veicula o risco necessário para a vitalidade do medo nas múltiplas

---

<sup>8</sup> Imagem disponível em:  
[https://odia.ig.com.br/\\_midias/jpg/2019/08/20/1200x670/1\\_img\\_4415-12715756.jpg](https://odia.ig.com.br/_midias/jpg/2019/08/20/1200x670/1_img_4415-12715756.jpg)

formações sociais, por entre as quais a mídia perpassa e põe em circulação rostos e sentidos para a caracterização de noções como normalidade, segurança e justiça, além de seus opostos.

## **ENTRE O “MONSTRO” E O “ÍNDIVÍDUO A SER CORRIGIDO”: A INSTAURAÇÃO DO MEDO**

Nossa menção a uma “vitalidade do medo” cumpre a função de salientar seu caráter vivo, não só como elemento significativo da vida moderna, mas como sentimento que tem o “outro” como índice de sua origem, aquele que está entre nós, mas que não se identifica conosco; aquele que se opõe ao bem comum. O que o caracteriza é a impermanência que responde a uma demanda do nosso próprio objeto, pois, nas coberturas analisadas, o risco está sempre presente, mas segue um fluxo de deslocamentos e transformações que interdita qualquer leitura taxonômica, classificatória. Busca-se então, uma leitura mais atenta às modalizações do medo, às maneiras de instituição da vulnerabilidade e do perigo nas relações significativas empreendidas ao longo das narrações.

É o estado de vulnerabilidade o ponto de ignição das coberturas, lugar de tensão que nos aproxima da perspectiva das vítimas e de sua experiência traumática. Neste movimento, somos conduzidos até a borda da fissura de onde irrompe a figura capaz de descompassar o ritmo do cotidiano, de dilatar a duração do ir e vir, de alterar sua paisagem. Figura anômala, potente o suficiente para dilacerar o corpo social e marcar irreversivelmente o tecido em que se inscrevem suas memórias.

Com um breve retorno ao pensamento de Deleuze (1973), achamos o suporte para pensar as manifestações do medo e do risco relacionados à(s) figura(s) do criminoso – resultado de associações entre acontecimentos e memórias. A fissura, ou *fêlure*, é a imagem literária que amarra a prosa de “*The Crack Up*”, de F. Scott Fitzgerald, usada por Deleuze como arco para o

Soraya **FERREIRA** - Daniel **MALAFAIA**

delineamento de sua tese sobre o acontecimento. A partir da destruição repentina da aparente “harmonia” de um casal, o filósofo observa:

Certamente, muitas coisas se passaram tanto no exterior como no interior: a guerra, a bancarrota financeira, um certo envelhecimento, a depressão, a doença, a fuga do talento. Mas todos estes acidentes ruidosos já produziram os seus efeitos de imediato; e eles não seriam suficientes por si sós se não cavassem, se não aprofundassem algo de uma outra natureza e que, ao contrário, só é revelado por eles à distância e quando já é muito tarde: a fissura silenciosa. (DELEUZE, 1973, p. 157-158)

Segundo ele, a fissura configura a fronteira entre o interior e o exterior de uma superfície, de onde partem acontecimentos ruidosos que colidem com o único ponto sensível de toda sua extensão: a borda, onde se experimentam os efeitos produzidos pelas pancadas que a distende. Aterrando essa figura em nosso campo, é possível notar que os acontecimentos críticos não só fendem o tecido social, mas também a circulação midiática. Seus efeitos reverberam com maior amplitude e intensidade nas páginas dos jornais em ocasião das grandes coberturas dos crimes.

Porém, é estratégia tradicional do jornalismo popular a personalização, que preenche o noticiário com dramas pessoais narrados de “forma extremada” (AMARAL, 2006, p. 65), e com matérias de caráter assistencialista, como reclamações sobre a insegurança. Neste segmento, ainda hoje nos é escancarada uma visão fatalista do mundo do povo, sobretudo quando pomos em evidência o abismo que o distancia do poder público, caracterizado como um sistema disfuncional (SERRA, 1986).

Poderíamos afirmar ser essa a “fenda silenciosa” que naturaliza o desalento em relação ao Estado como parte do conjunto de expectativas que cativam o leitor a esperar “o pior” do porvir. Como explicar, então, o processo de construção de um “pior” digno de uma cobertura de longa duração? Um “pior” cujo ruído descomunal é provocado por esse “outro”, marcado pela

brutalidade de suas ações – indicadores de um contexto de referência, por assim dizer, anormal.

É a busca por esse contexto de referência, ou pelo atestado de sua anormalidade, que vemos preencher boa parte da cobertura do sequestro do ônibus 2520, principalmente no que se segue à morte de Willian. Desde o lamento da mãe do sequestrador – que oferece alguns poucos traços da personalidade do filho como um rapaz traumatizado que “não tinha amigos, era ansioso e tomava remédios” – até pareceres de policiais e especialistas – que costumam a tese de que seu objetivo era dar a cabo a própria vida – encaminham à caracterização do sequestrador como alguém que, até o fim, usou de todos os recursos que dispunha para fugir da “realidade”.

Essa incompatibilidade foi explorada num movimento retrospectivo, que pôs em cena situações nas quais se demarcou não somente sua inadequação à normatividade, mas sua repulsa, sua busca por distanciamento do mundo social, a exemplo do trecho “a polícia chegava à imagem de um rapaz isolado, sem amigos nem namorada, com um cotidiano cada vez mais deslocado da realidade e preso nas redes sociais e aplicativos”<sup>9</sup>; do mundo da escola, vide relato da professora, segundo a qual Willian, ao “mesmo tempo que era introvertido, era nervoso, não sabia discutir. Quando alguns meninos implicavam ou provocavam, ele ia na direção da pessoa para agredir”<sup>10</sup>; e do mundo do trabalho, como afirma o narrador-jornalista: “Nos últimos tempos, não saía nem mais para ajudar o pai, padeiro, no trabalho. Alegava dor nas pernas.”<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> “Polícia investiga se sequestro de ônibus foi tramado pela internet”. O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/08/5674278-policia-investiga-se-willian-usou-informacoes-do-submundo-da-internet-para-planejar-sequestro-de-onibus.html>

<sup>10</sup> “Sequestrador ficava de cabeça baixa e não interagiu na escola, diz ex-professora”. O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/08/5674614-sequestrador-ficava-de-cabeca-baixa-e-nao-interagia-na-escola--diz-ex-professora.html>

<sup>11</sup> Op.cit. O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/08/5674278-policia-investiga-se-willian-usou-informacoes-do-submundo-da-internet-para-planejar-sequestro-de-onibus.html>

Sua caracterização, baseada na distância que buscava dos espaços de convivência, não nos coloca diante de um indivíduo naturalmente antissocial, mas de alguém cujo passado se delineou numa sucessão de falhas, atribuídas, de um lado, à família – como se evidencia na fala de Witzel: “A mãe dele está muito abalada, se perguntando onde ela errou...” – e, de outro, à escola – a exemplo da queixa de sua ex-professora: “Nós estamos abandonados pelo poder público, porque não temos nenhuma assistência dentro das escolas públicas, de atendimento e encaminhamento, que seja sério, um trabalho voltado para preparar esses jovens para a vida adulta”.

Nesse sentido, a culpa que se concentrava em Willian é diluída, vertendo sobre o Estado, na medida em que, como exprime ainda a profissional, a escola seria um ambiente de reprodução do desajuste social: “Meu maior medo, hoje, é que nós temos em nossas escolas muitos alunos com as características do Willian”. Esse cenário nos aproxima de uma das figuras que marcam a arqueogenealogia dos “anormais”, elaborada por Michel Foucault (2001), que é a do “indivíduo a ser corrigido”. Este tem como contexto de referência a família e as instituições junto das quais ela empreende suas intervenções, já que o esforço interno, no seio doméstico, se mostra insuficiente frente ao conjunto das tecnologias de poder inerente ao aparato das instituições, como as técnicas de educação coletiva, de reeducação e de sobrecorreção.

O que distingue Willian da figura clássica do monstro é sua maior proximidade com os códigos morais da sociedade, na linha que determina a gradação entre o normal e o anormal, o que torna o risco de sua emergência altíssimo, mais provável, ao contrário do monstro, cujo aparecimento constitui uma exceção, pois sua transgressão impõe uma desordem tamanha que incita questionamentos essenciais quanto ao direito e as bases fundamentais que arregimentam as leis naturais e a lei divina na sociedade.



O indivíduo a ser corrigido, assim, é como que um grânulo de transgressão que carrega em si dois paradoxos: um, de ser regular em sua irregularidade; e outro, de se mostrar corrigível, menos arredo ao controle, mas, no fim, tão irremediável quanto inexorável. No entanto, como atenta Foucault, os limites que separavam essas figuras passam a desaparecer a partir do início do século XIX, quando se observa o intercâmbio entre elas na consolidação de um sistema de conjugação entre poderes e saberes até então isolados, mas em processo de conjunção, como a justiça, a medicina e a pedagogia.

Por isso, afirmamos que discursivamente Willian teve sua culpa “diluída”, e não extinta, uma vez que, nos primeiros momentos da narrativa, a construção do personagem o aproxima da figura do monstro por ameaçar a vida dos passageiros do ônibus que sequestrou. Como punição, ele é abatido, mas o risco não morre com ele. Sua caracterização é fruto de um movimento que mantém vivo o risco e, com ele, o medo, pois o narrador orienta a culpa para outras instâncias, que seriam responsáveis pelas condições de insurgência de outros “Willians”.

### **PERSEGUIÇÃO E “ABATE”: “CAÇADA” A LÁZARO BARBOSA**

A despeito do “abate”, que inflexiona as narrativas aqui analisadas, a cobertura das buscas por Lázaro Barbosa mostra peculiaridades que fazem de nosso *corpus* um díptico que vislumbra duas cenas cujo conteúdo as distancia temporal e geograficamente: 2019-2021; Rio de Janeiro e Goiás. Enquanto o sequestro do ônibus 2520 gerou a interdição da ponte Rio-Niterói por três horas e meia, a perseguição a Lázaro durou 20 dias.

O primeiro é um evento de curta duração, mas de grande escala, tanto do ponto de vista social, já que alterou abrupta e radicalmente a cadência da vida urbana, quanto do ponto de vista midiático, pois garantiu aos jornais uma variedade de histórias derivadas e especulações em torno da enigmática figura

do sequestrador – que perduraram por cinco dias, com dezenas de publicações no site. O enigma que mais dificultava a caracterização de Willian como um malfeitor era seu passado, por exemplo, isento de processos criminais, mas também seu estilo de vida, solitário e encerrado às redes sociais digitais.

O caso Lázaro Barbosa se apresenta como o avesso do anterior, em vários aspectos. Enquanto personagem jornalística, informações veiculadas mostravam o quão ardiloso ele era, bem como o que seria capaz de fazer se continuasse livre. Com passagens pela polícia tanto na Bahia, de onde era natural, quanto em Brasília, onde cometeu os crimes mais recentes, o homem de 32 anos acumulava uma extensa ficha criminal, com acusações de roubo, homicídio e estupro. Estas se projetavam nas coberturas não como um apêndice sobre seu passado, mas como uma série de acontecimentos que se justapunham à atualidade numa relação que, no site do jornal *O Dia*, sugere que a existência de Lázaro é constitutiva para a permanência do risco.

Esta estratégia narrativa fica evidente na matéria que abre a cobertura do caso, publicada em 14 de junho, cinco dias após o criminoso ter assassinado uma família de quatro pessoas, em uma chácara no Distrito Federal. O título "Com seis dias de buscas, *serial killer* mobiliza 200 policiais no DF; entenda o caso"<sup>12</sup>, já apresenta o significante escolhido para a designação do criminoso ao longo de toda a cobertura, indicando, com a expressão "*serial killer*", o caráter compulsivo de suas ações, descritas com mais detalhes no correr da reportagem.

O tópico final, "As características de Lázaro", é dedicado ao desenho do perfil da personagem a partir de um laudo criminológico, assinado por três psicólogos, que reúne os desvios de sua personalidade – momento em que se

---

<sup>12</sup> "Com seis dias de buscas, *serial killer* mobiliza 200 policiais no DF; entenda o caso O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2021/06/6177291-lazaro-barbosa-e-capturado-e-morto-apos-20-dias-de-buscas.html>

insere outro significante para a qualificação de Lázaro: um maníaco. Entretanto, é do mesmo laudo que o jornal investe a personagem de uma "consciência" de si e do sofrimento perpetrado contra suas vítimas. Seu descontrole estaria relacionado à dependência química e a um passado familiar precário, marcado tanto pelas drogas quanto por agressões, trabalho infantil e outras privações. Pontua-se, neste íterim, a possibilidade de sua recuperação vislumbrada pelos psicólogos, que recomendaram seu encaminhamento para grupos de apoio. Isso reitera o intercâmbio, referido no item anterior, entre as figuras do monstro e do indivíduo a ser corrigido, oscilantes ao ritmo da narração.

O que temos até aqui é uma personagem menos enigmática que Willian, mas não menos complexa, dado o caráter atroz de suas ações e o caráter trágico de suas motivações. Isso se configura em um movimento retrospectivo que se assemelha ao executado na cobertura do sequestro, mas que não é idêntico, justamente pela grande quantidade de informações disponíveis em uma só reportagem, a primeira da cobertura, e também pela duração do acontecimento, tipificado como “caçada”. Lázaro foi localizado em Águas Claras, em Goiás, na manhã de 28 de junho<sup>13</sup>, quando faleceu após ser alvejado com 38 tiros durante um confronto com a polícia. A narrativa acompanha os rastros deixados por ele, e as desventuras que o medo provocou, a exemplo das tentativas de linchamento sofridas por pessoas cuja aparência era semelhante a dele.

A agonia da história se desenrola em movimento crescente, no qual o Estado deixa o protagonismo e passa a integrar uma coletividade cuja grandeza insufla a, ainda não saturada, periculosidade de Lázaro. Assim, além da população, políticos também encarnaram o desejo de sua morte, uma “necessidade” que nem mais a polícia era apta a satisfazer por si mesma. Esse

---

<sup>13</sup> "Lázaro Barbosa é capturado e morto após 20 dias de buscas". O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2021/06/6177291-lazaro-barbosa-e-capturado-e-morto-apos-20-dias-de-buscas.html>

anseio é textualizado na matéria "Policiais fazem oração para encontrar Lázaro Barbosa"<sup>14</sup>. Publicada no dia 23, relata um ritual improvisado pelos agentes, que, segundo o lide, "recorreram a Deus para pedir 'iluminação' para encontrar o suspeito".

Com o "abate", que representaria a resolução do conflito e a extinção do risco, o que entra em cena é uma virtualização da função ocupada, até então, por Lázaro. Alguns movimentos marcam esse processo, dentre os quais pontuaremos dois. O primeiro enfatiza uma suspeita que já havia sido levantada sobre Lázaro, quando ainda era vivo: a de que uma "rede criminosa"<sup>15</sup> havia apoiado sua fuga. E o segundo, expõe a preocupação com a possibilidade do surgimento de "novos Lázaros"<sup>16</sup>. A expressão aparece em uma matéria sobre um *tweet* feito pelo ex-ministro da Segurança Pública, Sérgio Moro, em que propõe como solução para a prevenção de casos como o de Lázaro, uma mudança no código penal, que reconhece bom comportamento na prisão como atestado para progressão do regime fechado para o semiaberto ou aberto.

Para Moro, seriam necessárias "condições que assegurassem que não mais cometeriam crime". Esta proposição nos indica, então, que a culpa é atribuída à Lei, por permitir a liberdade de criminosos, "afundando" a população no que, em outra publicação, foi chamado pelo advogado Marcos Espínola, de um "Rio de Lázaros"<sup>17</sup>, figura que aproxima o caso, ocorrido na região Centro-Oeste, da "realidade" do Rio de Janeiro. Nas palavras de

---

<sup>14</sup> "Policiais fazem oração para encontrar Lázaro Barbosa". O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2021/06/6174035-policiais-fazem-oracao-para-encontrar-lazaro-barbosa.html>

<sup>15</sup> "Polícia de Goiás investiga suposta rede criminosa de apoio a Lázaro". O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2021/06/6177422-policia-de-goias-investiga-suposta-rede-criminosa-de-apoio-a-lazaro.html>

<sup>16</sup> Moro pede mudança na lei para 'evitar novos Lázaros'. O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2021/06/6177857-moro-pede-mudanca-na-lei-para-evitar-novos-lazaros.html>

<sup>17</sup> "Marcos Espínola: Rio de Lázaros". Marcos Espínola, O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/opiniaio/2021/07/6178926-marcos-espino-la-rio-de-lazaros.html>

Espínola, não haveria mais "nenhum ponto do Rio livre dos riscos e violências promovidas por esses elementos à margem da lei".

No texto, Lázaro é equiparado aos mais de 200 mil "bandidos, milicianos e narcotraficantes", que viriam das "mais de 1.400 favelas" cariocas, dominando "comunidades e até bairros inteiros". Os altos números e plurais imprimem no discurso um volume em expansão, que se confirma quando o enunciador inscreve uma progressividade a esse processo, afirmando que "Lázaros" se multiplicam no estado, "ano após ano". Assim, o criminoso é, em alguma medida, "desincorporado" na narrativa, sendo análogo a um tipo de "espírito" em estado muito rudimentar de "evolução"<sup>18</sup>, que pode insurgir a qualquer momento e em qualquer lugar.

## **RESTAURAÇÃO DA “JUSTIÇA” E REATIVAÇÃO DO RISCO**

As coberturas analisadas desvelam imagens sobre as quais refratam elementos que podem ser encarados como sintomas do nosso tempo. Um deles, claro, é o “abate”, e os sentidos vinculados a esse tipo de evento no site do jornal *O Dia*. Pensando sobre morte e poder, José Carlos Rodrigues (1983) conclui que o homicídio executado em nome do poder é tomado como justiça. Essa associação, que ele extrai de uma extensa análise de formações sociais primitivas e modernas, aparta da morte a qualidade de tabu, pois, nesses casos, mata-se quem ameaça à integridade da homogeneidade social.

Nesta racionalidade, o “abate” significa o triunfo da ordem sobre a desordem que, nas narrativas em questão, é instaurada por “Willians” e “Lázaros”. E isso se confirma quando observamos a dimensão afetiva das narrativas, composta pela narrativização das sensações e emoções das vítimas,

---

<sup>18</sup> Como a coluna *Além da Vida*, assinada por Átila Nunes, interpreta o estado espiritual de Lázaro à luz do kardecismo. "O destino do espírito de Lázaro". O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/colunas/alem-da-vida/2021/07/6179828-o-destino-do-espírito-de-lazaro.html>

Soraya FERREIRA • Daniel MALAFAIA

que carregam na memória as experiências de ter ficado “cara a cara” com os criminosos. Esta dimensão é constituída de uma tensividade, com movimentos ascendentes e descendentes, para usarmos os termos propostos por Claude Zilberberg (2016) em sua semiótica tensiva, que melhor dão conta de descrever as mudanças na atmosfera da realidade proposta. O movimento ascendente se dá quando a ordem do estado das coisas é reinstituída, causa do sentimento de satisfação que sucede o abate. Essa alteração na atmosfera fica registrada nas comemorações efusivas de policiais, políticos e cidadãos ligados direta ou indiretamente aos acontecimentos.

Todavia, a tensividade dessa dimensão sofre um declínio exatamente no ponto em que as comemorações do “abate” deixam o primeiro plano das coberturas, para a reinserção do medo decorrente do risco que a insurgência dessas figuras, ora monstruosas, ora (in)corrigíveis, oferece à vida dos leitores, implicados no texto e, assim, aproximados por *O Dia* à realidade das vítimas – pertencentes majoritariamente à classe trabalhadora – como que numa conversa íntima, quase doméstica (AMARAL, 2006), na qual o estado das coisas que são de interesse público, como a reconstituição das operações ou o rumo das investigações, é momentaneamente suspenso, para dar lugar a detalhes de ordem individual. Entre rumores, queixas e lamentos, o jornal concilia singular e universal, mobilizando, a partir dos dramas individuais, um pano de fundo que consolida o lugar central ocupado pelo risco, na medida em que a precariedade das condições de vida é denunciada, e a culpa atribuída ao Estado negligente e à Lei falha.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa reflexão permitiu um aprofundamento no tema da prática jornalística popular na atualidade. Reexaminamos os resultados de pesquisas anteriores, e, pondo-os em perspectiva com o presente recorte, mais



abrangente, verificou-se como a noção de risco se inscreve nas narrativas tanto no desenrolar da trama como após seu desfecho, no qual o criminoso é abatido. Antes e depois do “abate”, as vozes de vítimas reais ou potenciais marcam a narração, com uma tensão que sofre uma única, e breve, interrupção, em razão da comemoração da morte.

Revelam-se, portanto, os efeitos do risco, responsável por administrar a tensão ao longo de toda a narrativa, numa revitalização contínua do medo. Olhada de longe, a narrativa apresenta uma estrutura circular, cuja uniformidade da circunferência se mantém intacta enquanto o tom temeroso dos relatos e descrições tensiona a borda. Sua deformação se dá com o “abate”, uma dobra produzida pelo afrouxamento da borda – fosso preenchido por comemorações, falas de satisfação e até mesmo piadas.

No entanto, o risco volta a atravessar a narração, que reconfigura o instável círculo, um *continuum* de tragédias que depende, para sua vitalidade: da emergência de “anormais”; do risco multiplicador do medo; e do “abate”, que afasta momentaneamente tanto o risco quanto o medo das vozes e consciências que povoam o cenário. Com base neste modelo, entendemos que a cobertura não tem seu fim com o “abate”, pois ele marca o ponto de retorno ao estado inicial, que é o estado de tensão articulado num trabalho temporal que o jornal opera incessantemente. Acontecimento após acontecimento, morte após morte, *O Dia* projeta no presente as expectativas de um futuro trágico que encontra suas condições de possibilidade em memórias de um passado não menos trágico.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcia F. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.  
COURTINE, Jean-Jacques; MARANDIN, Jean-Marie. Que objeto para a Análise de Discurso?. In: CONEIN, Bernard et al. **Materialidades discursivas**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2019.  
DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos II – Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

LE BRETON, David. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Campinas: Ed. Autores Associados, 2009.

LELIS, Camilo Inacio Cardoso. "Sniper urbano: uma visão histórica e o emprego no combate moderno". In: **DOCTRINA MILITAR TERRESTRE EM REVISTA**, v. 6 n. 15, 2018.

MALAFIA, Daniel Nunes de O. **Jornalismo popular na web, narrativa e encenação enunciativa: o site do jornal O Dia e a construção dos pontos de vista sobre o sequestro do ônibus 2520**. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, UNESA. Niterói, 2020.

\_\_\_\_\_. FERREIRA, Soraya V. Jornalismo popular na web: o sequestro do ônibus 2520 na ponte Rio-Niterói narrado pelo site do jornal O Dia. In: **10º Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo**, 2020a.

\_\_\_\_\_. Para além do gênero informativo: uma análise do discurso sobre o sequestro do ônibus 2520 nas capas dos jornais Extra e O Dia. In: **43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2020b.

\_\_\_\_\_. O Dia no sequestro entre Rio e Niterói: uma ponte para o estudo das construções narrativas no webjornalismo popular. In: **Destarte**, v. 10, n. 2, p. 19-40, 2021.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio D. (Orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora UnB, 2002.

RODRIGUES, Adriano D. O acontecimento. In.: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Portugal, Lisboa: Vega, 1993.

RODRIGUES, José C. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SERRA, Antonio A. **O desvio nosso de cada dia: a representação do cotidiano num jornal popular**. Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora, 1986.

TARDE, Gabriel. **Monadologia e sociologia e outros ensaios**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

ZILBERBERG, Claude. **Semiótica tensiva**. Lima, Peru: Fondo Editorial de la Universidad de Lima, 2016.

